

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NAS IMAGENS DA CARTILHA *CAMINHO SUAVE*

REPRESENTATIONS OF THE FEMININE IN THE IMAGES OF “CARTILHA CAMINHO SUAVE”

Miriã Noeliza Vieira*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a representação do feminino nas imagens das cartilhas Caminho Suave - Primeiro Livro de Leitura, Alfabetização pela Imagem, Caminho Suave - Comunicação e Expressão da 2ª série a 4ª série da educadora Branca Alves de Lima nas edições da década de 1980. A partir das reflexões de conceito de gênero abordadas por Joan Scott (1995), Maria Izilda Santos de Mattos (1997), Rachel Soihet (1997), Margareth Rago (2003), Joana Maria Pedro (2005). Que definem gênero como uma categoria multidisciplinar de reconstruir as experiências das excluídas da história tradicional. Outro conceito que dá a base teórica para análise são os de Representação Social de Serge Moscovisi (2003), Celso Pereira de Sá (1995), segundo os quais, a representação social possibilita a compreensão das relações dos mundos sociais e individuais numa sociedade em constante transformação. Por fim trouxemos algumas considerações finais sobre a análise realizada nos livros, destacamos que, a representação que prevalece do feminino na coleção didática é de uma mulher do lar, mãe, dona de casa, carinhosa com sua família, professora.

PALAVRAS-CHAVE: Branca Alves de Lima - Cartilha Caminho Suave - Gênero e Representação Social.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of women on the images of the “cartilhas” Caminho Suave - Primeiro Livro de Leitura, Alfabetização pela Imagem, Caminho Suave - Comunicação e Expressão adopted in the 2nd grade to 4th grade basic education teachers, designed by Branca Alves de Lima in the editions of the decade 1980 considering reflections of gender concept addressed by Joan Scott (1995), Maria Santos Izilda de Mattos (1997), Rachel Soihet (1997), Margareth Rago (2003), Pedro Maria Joana (2005) that define gender as a category of multidisciplinary rebuild excluded from the experiences of traditional history. Among other concepts that contributes to the theoretical basis for analysis are the Representation of Social Moscovisi Serge (2003), Celso Pereira de Sá (1995), according to which social representation enables our understanding of the relationship of individual and social worlds in a society in constant transformation. Finally, we brought some final considerations on the analysis performed in the books, emphasizing that the representation of women in the prevailing didactic collection is the world of a home of a loving housewife, mother and teacher.

KEYWORDS: Branca Alves de Lima - CARTILHA CAMINHO SUAVE - Gender and Social Representation.

* Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Introdução

As representações sociais individual ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se adiciona e alguma coisa presente se modifica.

Serge Moscovisi

O presente artigo tem por objetivo analisar o feminino nas imagens da cartilha Caminho Suave idealizada pela educadora Branca Alves de Lima. Para tanto serão analisadas as cartilhas Primeiro Livro de Leitura, Alfabetização pela Imagem, Caminho Suave - Comunicação e Expressão da 2ª série a 4ª série da década de 1980, a partir da hipótese que as imagens são relevantes como objetos de representação das relações de gênero presentes na sociedade. Por serem amplamente distribuídas e de fácil aprendizagem, a cartilha tornou-se referência na trajetória de aprendizagem de crianças e adultos no mundo das letras, como o próprio nome sugere, associando imagens com as letras.

Sabemos que o livro didático tem uma história, desde a sua produção, aquisição e distribuição, entretanto, neste texto não vamos tratar sobre esse processo. Parte-se do pressuposto que a escola trabalhava com esta coleção, seja porque o Estado adquiria o livro didático e entregava à escola de forma gratuita ou, às vezes comprada pelos alunos¹.

Para trabalhar com o livro didático é preciso considerar que na maioria das vezes ele é o principal contato da criança, desde o início da sua alfabetização até a sua adolescência, com o conhecimento sistematizado.

No entanto, o livro didático mais que um mediador de “saberes”, de valores e de ideologias, é uma mercadoria, um representante de um determinado grupo social, e tem que ser analisado como tal. Desde a década de 1970 os livros didáticos representam boa parte das produções das editoras, não é por acaso que as editoras, nas duas últimas décadas, procuram profissionais habilitados para trabalhar no processo de produção do livro didático. São profissionais especializados para a edição, diagramação, paginação, ilustração, pesquisa

¹ O método empregado por Branca Alves de Lima, estava associado ao método analítico sintético, ou seja, associava a imagem com a letra, por exemplo a de abelha. Quanto à importância da autora esta vinculado pelo método inovador de aprendizagem, no qual o aluno aprenderia com facilidade a escrita e a leitura.

iconografia, entre outras, (MUNAKATA, 2005, p. 276) afinal pode-se dizer que o livro didático é o “primo rico” (CAMPOS, 2005) das editoras.

Por outro lado, na ditadura militar, que foi marcada pela censura e falta de liberdade democrática, o livro didático foi utilizado como um instrumento ideológico, período no qual a compra e distribuição recebiam um tratamento especial do governo. Nesse período, foram introduzidas no currículo escolar disciplinas como: Educação Moral e Cívica; Organização Social e Política Brasileira - OSPB; Estudos dos Problemas Brasileiros - EPB, que tinham por objetivo formar o “cidadão patriota”. Desta forma “o livro didático emergia como peça ideológica fundamental, que desempenha importante papel estratégico na difusão dos valores apregoados pelo regime” (MIRANDA; LUCA, 2004, p.125) militar, importantes na formação do cidadão acrítico.

O livro didático era um dos instrumentos utilizados na efetivação das leis educacionais e assumiu um papel tão importante que, ao longo do século XX, em especial nas últimas décadas foram criados programas próprios para avaliação e aquisição.

A partir dessa constatação é que se pretende realizar a análise da representação da mulher nas cartilhas Caminho Suave. Pois “os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas (MATOS, 2000, p.22).

O motivo de termos escolhido a cartilha Caminho Suave se dá pelo fato de indicações de professoras aposentadas e pessoas com mais de trinta anos que foram alfabetizadas por ela. Outro motivo que levou-nos a escolha deste material didático, em especial a edição da década de 1980, foi à facilidade de encontrarmos a fonte e pela representatividade que a cartilha Caminho Suave simbolizou na educação brasileira, bem como uma autora escrevendo um material didático de extrema relevância para educação.

Branca Alves de Lima

Em 1948 foi publicado o primeiro exemplar da cartilha Caminho Suave, a edição da coleção didática era feita pela própria autora/educadora. Para divulgação da cartilha entre os professores a autora empreendeu em todo país uma campanha com folhetos explicativos que ela chamava de “Auxiliar de Alfabetização”, (MORTATTI, 2000, p.207) neste folheto constavam informações sobre a coleção didática e como adquiri-la. Só para dar um exemplo,

desde o seu lançamento até meados da década de 1990² à cartilha Caminho Suave vendeu 40 milhões de exemplares. O jornalista Fernando Rosseti, em uma entrevista com a educadora Branca Alves de Lima, publicada no Jornal Folha de São Paulo, em 25 de novembro de 1997, descreveu pelas palavras da autora da cartilha a construção do seu método, com a utilização das imagens que inicialmente não estava associado às letras. Nesse sentido autora explica que

Um dia, estava olhando meus cartazes e tive um insight. Comecei a desenhar com giz em cima dos cartazes. No G, desenhei um gato e disse: veja como a letra G se parece com um gato. Depois, no F, desenhei uma faca. Percebi que as crianças, associando uma letra a uma figura, esqueciam menos.

Com o grande sucesso alcançado pela a venda da cartilha a autora abriu sua própria editora “Caminho Suave” Limitada³, com sede na cidade de São Paulo. Além do Auxiliar de Alfabetização a edição contava com uma apresentação dirigida aos professores, no qual Lima esclarecia a metodologia da Alfabetização pela Imagem, com a utilização do método analítico – sintético. Evidenciando que pelo seu método a criança aprenderia com facilidade, já que associaria a letra com a imagem, bem como destacando que pela sua metodologia qualquer criança aprenderia.

Na sequência da obra, a autora explica a metodologia que o professor deveria desenvolver antes da entrega do livro ao aluno. Inicialmente o professor realizava uma apresentação dinâmica aos seus alunos acerca das gravuras que representavam as vogais, como mostram as ilustrações. Leitura e escrita deveriam ser ensinadas simultaneamente.



Figura 1 – As vogais.
Fonte, LIMA, (1985.p.27, vol. 1)

A partir da década de 1970, a cartilha Caminho Suave passou por reformulações, as instruções foram adaptadas ao Manual do professor, precedendo as instruções para o

² Esta vendagem se refere até o ano de 1996. Para mais informação: ROSSETI, Fernando. Autora de Caminho Suave pesquisou palavras. Pioneira associou letras a imagens. **Jornal Folha de São Paulo, Cotidiano**, São Paulo. 25 nov. 1997. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff251138.htm> >. Acesso em 02 dez. 2012.

³ Hoje a atual responsável pela publicação e distribuição da cartilha Caminho Suave é a Editora Edipro.

desenvolvimento do conteúdo da cartilha, encontram-se os seguintes títulos: “Apresentação”, “Metodologia” e “Bibliografia” evidenciando a preocupação da autora com a utilização correta do processo de alfabetização pelo o professor.

Deste modo caberia ao professor reformular e adaptar essas técnicas sugeridas pela autora, com a realidade da sua classe. Além disso, o material ganhou alguns instrumentos de apoio, como cartazes de alfabetização, que consistiam na reprodução das ilustrações da cartilha, no total de 65 cartazes, testes de alfabetização pela imagem, onde eram reproduzidos em miniatura os cartazes, no total de 57 cartas, tendo no verso delas as sílabas isoladas, para a fixação do aprendizado do aluno; carimbos didáticos subdivididos em duas coleções, a primeira de “Alfabetização” que consistia em 63 carimbos que reproduziam as ilustrações da cartilha e, a segunda coleção era “A Família” com 15 carimbos nos quais eram reproduzidos os personagens do 1º livro; havia também slides que reproduziam os cartazes de Alfabetização pela imagem, a coleção era composta por 67 slides para a projeção fixa e o manual do professor onde constavam as explicações de cada lição (LIMA, 1979).

Na década de 1980 a cartilha sofreu novas alterações, em especial a partir do PNLD no ano de 1985. Entre as modificações está à adaptação a uma regra importante para a definição das políticas de livro didático no país, os livros passam a ser não consumíveis, ou seja, o aluno não poderia mais escrever no próprio livro. Outra alteração foi o acréscimo de exercícios correspondentes ao período preparatório da alfabetização.

O debate de gênero e as representações sociais

Entre os anos de 1984/85 o Brasil ainda estava sob comando dos militares; em contrapartida durante este período as mulheres ganharam visibilidade tanto na sociedade como na academia, possibilitando uma abertura para o estudo da mulher, não mais o da desigualdade entre homens e mulheres, mas sim a relação que se estabelece entre eles (MATOS, 1997, p.88). Nesse sentido pesquisas voltadas sobre o papel de gênero ganharam espaço significativo no campo historiográfico nas últimas décadas tanto no Brasil, quanto no mundo.

Aqui pensamos gênero a partir das reflexões de Joan Scott (1995) e que repercutiram no Brasil, nos trabalhos de várias historiadoras, entre elas Maria Izilda Santos de Mattos (1997), Rachel Soihet (1997), Margareth Rago (2003), Joana Maria Pedro (2005). Foi dentro

do próprio movimento feminista com suas tensões, reivindicações, e suas constantes transformações, que feministas norte-americanas passaram a usar a categoria de gênero para “acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SOIHET, 1997, p. 63).

Todavia não bastava para as feministas provarem que tiveram ou participaram de uma história, era imprescindível que esse campo de estudo fosse reconhecido. Muitas historiadoras acreditavam que a investigação sobre as mulheres modificaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina, acrescentaria não só novos temas, como também iriam impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios de trabalho científico existente (SOIHET, 1997, p.279).

O termo “gênero” surge então, da tentativa proposta pelas feministas contemporâneas em conseguir um terreno de definição, para salientar a incapacidade das teorias existentes para explicar as desigualdades existentes entre homens e mulheres (SCOTT, 1995, p. 85). Scott aborda em seu artigo três questões teóricas para análise de gênero: na Teoria do Patriarcado, as feministas tentam explicar as desigualdades existentes entre homens e mulheres, através da origem do patriarcado, e da submissão da mulher, ou seja, a necessidade masculina de dominação (FERREIRA, 2006, p. 23)).

Já na teoria Marxista, as feministas marxistas têm uma abordagem mais histórica, negam as abordagens que afirmam categoricamente as diferenças biológicas, e questionam a desigualdade econômica, pois antes já havia subordinação das mulheres anterior ao capitalismo, e continua a existir no socialismo. A análise marxista teve grande influência da obra do filósofo francês Michael Foucault, de que a sexualidade é produzida em contextos históricos. (FERREIRA, 2006, p. 23) Para Scott a dificuldade de trabalhar o conceito gênero dentro do marxismo é que “por muito tempo foi tratado como um subproduto de estruturas econômicas cambiantes; o gênero não tinha aí um status analítico independente e próprio.” (SCOTT, 1995, p.80).

A teoria da Psicanálise está preocupada em como é criada a formação da identidade do sujeito, para perceber como se dá esse processo, a análise se concentra nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança, destacando a experiência concreta de ver, ouvir e relacionar teria influência direta na formação da identidade. Todavia esta teoria se restringe no âmbito doméstico, não deixando meios para esse conceito, a outros sistemas sociais, econômicos de poder (FERREIRA, 2006, p. 23). A partir dessas questões, Scott coloca sua própria

definição da categoria gênero, dividido em duas partes, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos,” a segunda “o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder”. “As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder,” (SCOTT, 1995, p. 86) e (FERREIRA, 2006, p. 23), ou seja, Scott faz sua teorização de gênero na relação de poder.

O conceito de representação social utilizado é de Serge Moscovisi (2003), Celso Pereira de Sá (1995), segundo os quais, representação social possibilita a compreensão das relações dos mundos social e individual numa sociedade em constante transformação. Para Jodelet (JODELET, 1989 apud, SÁ, 1995 p.32) “representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

Segundo Arruda (2002, p. 129.) “a Teoria das Representações Sociais – TRS – operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade”, ou seja, existem duas formas de pensamento: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo, porque tem finalidades diferentes.

O universo consensual é aquele que se dá no campo do senso comum, na vida cotidiana, neste não há distinções entre as pessoas, todas são iguais e livres, todas podem falar com a mesma autoridade.

O universo retificado é aquele que se dá no campo científico, composto por diferentes papéis e classes, cujas pessoas são desiguais, é um campo completamente hierarquizado. Neste universo a competência adquirida determina o grau de participação, é o campo dos especialistas.

O contraste entre esses dois universos é que de um lado estão as pessoas comuns, e do outro os cientistas com seus papéis bem definidos. Dentro desses universos a ciências compreendem o universo retificado, enquanto as representações sociais tratam do universo consensual (FERREIRA, 2005, p.77, 78). Todavia apesar de terem intenções diferentes são eficazes e imprescindíveis para o ser humano.

Para compreensão da Teoria das Representações Sociais é necessário esclarecer dois processos importantes que explicam como se dá a representação dos novos objetos de conhecimento pelos indivíduos, uma denominada objetivação e outra ancoragem, que Cardoso (2000, p. 9, 10) explica da seguinte forma:

O da objetivação (que compreende a três fases da construção seletiva da esquematização estruturante e da naturalização), através do qual se provê um contorno (imagem, figura) a determinadas idéias ou noções; e o da ancoragem, que assegura a vinculação social da representação, tanto em relação aos valores cognitivos de sentido e saber com que deve ser coerente no grupo social que se vê surgir quanto pela atribuição de um valor funcional a seu contexto específico.

A objetivação é o processo de unir a ideia do não familiar com o da sua própria realidade. Já o processo de ancoragem é realizado sob dois aspectos: o da classificação e da nomeação é quando o indivíduo classifica e dá nome a alguma coisa, ou seja, reduz o novo objeto de conhecimento a categorias e a imagens conhecidas, e as coloca num conjunto familiar. Para Moscovisi (2003, p. 78) tanto a “ancoragem e a objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória.”

Nos últimos anos o conceito de Representação Social tem aparecido com bastante frequência em trabalhos acadêmicos de diversas áreas, como por exemplo, no campo da educação.

Segundo Gilly (2002, p. 232)

O interesse essencial da noção de representação social para a compreensão de fatos da educação é que ela orienta a atenção sobre o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo. Ela oferece uma nova via para a explicação de mecanismo pelos quais os fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam os resultados deles.

A Teoria das Representações Sociais pode contribuir para analisar os papéis de gêneros, em especial da mulher, nos livros didáticos. Este que é um elemento importante no processo educativo escolar no Brasil. Sendo que:

O campo educativo aparece como um campo privilegiado para ver como se constroem, evoluem e se transformam as representações sociais no seio de grupos sociais e nos esclarecer sobre o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua (GILLY, 2002.p.232).

A utilização desta teoria no trabalho parte da explicação dada pelo seu principal representante, Moscovisi, (2003, p. 78) a qual diz que o indivíduo só existe dentro da rede social e toda sociedade é resultado da interação de milhares de indivíduos. Sendo assim, mesmo as cartilhas não sendo do campo específico da História, elas podem apresentar

representações comuns da sociedade em que foram produzidas, pode absorver discussões públicas, do universo consensual, daquele momento histórico, em que o papel das mulheres na sociedade era tão debatido.

O feminino na cartilha Caminho Suave

As representações do feminino expressas nas imagens da cartilha Caminho Suaves nas edições da década de 1980 apresentam principalmente o âmbito familiar, ou seja, o cotidiano familiar foi tomado como enredo das lições apreendidas pelos alunos, evidenciando o perfil da mulher, que seria casada, mãe, dona de casa, professora e como plano de fundo o universo do lar como cenas das experiências femininas. Os afazeres domésticos transformaram-se em discurso nas ilustrações da cartilha Caminho Suave e as representações da mulher e do homem foram construídas destacando o papel social de cada um deles na sociedade,⁴ enfatizando quais eram as responsabilidades e as obrigações das mulheres.

As imagens retratam o cotidiano da mulher na sociedade, o papel a ela destinado, tendo apenas como opção o lar ou a escola, contudo mesmo assim a professora era representada como uma mãe, que acolhe seus alunos, com um amor maternal, amor que fazia com que as crianças se sentissem acolhidas, como exemplifica a figura 2, que como o próprio título sugere a roda da alegria, já que esta professora chegou ao final de um ano letivo com todos os seus alunos alegres por terem avançado mais uma etapa escolar. Para completar podemos destacar que o papel representado pela professora dava condições a ela de ser mãe, já que tratava seus alunos como um filho.

⁴ Não podemos nos esquecer que a cartilha Caminho Suave, possui sua primeira edição desde 1948, contudo ao analisarmos outras edições da cartilha podemos perceber que algumas ilustrações foram modificadas e que os pensamentos tanto da autora quanto do ilustrador possuíam ainda a mesma ênfase da primeira edição, ou seja, o mesmo pensamento da sociedade estava expresso na imagem desta cartilha, mesmo sendo edições “recentes”, acalentava ainda o papel social da mulher.

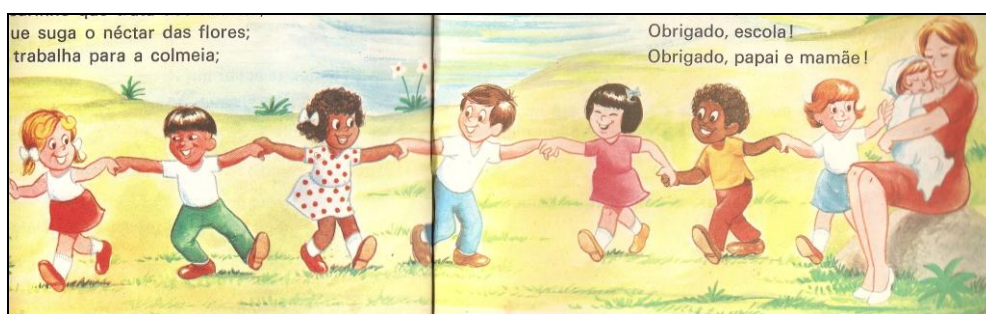


Figura 2: Roda da alegria.
Fonte: LIMA, (1985, p.143-144, vol.2)

Na sequência (Figura 3) temos a imagem da família que ilustra toda a coleção didática, composta neste volume por Fábio, Didi⁵, bebê, mamãe, papai, vovó, vovô e os animais de estimação.

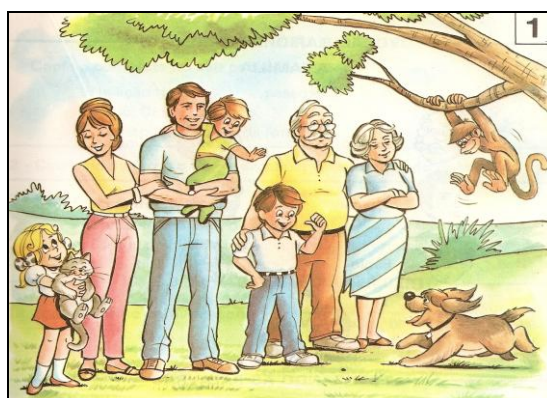


Figura 3: A família
Fonte: LIMA, (1985, p.9, vol.2)

A imagem remete uma família unida e feliz, já que no próprio texto deixa claro que todos residem na mesma casa. A expressão de alegria e satisfação pode ser notada em seus rostos, até os animais demonstram contentamento e entusiasmos em pertencerem a esta família. A mãe e a vovó encontram-se bem vestidas, de cabelo arrumado e felizes.

As figuras masculinas, do pai, do avô, e dos filhos, ocupam o lugar central na imagem, vestidos com roupas para passeio, camisa pólo, calça social, camisa, remete a ideia de seriedade, mas sem perder a alegria, e principalmente sem deixar de lado qual é o papel destinado aos homens, o mantenedor do lar. Como afirma Aguiar (1997, p. 162) que “uma das questões que torna a instituição do patriarcado peculiar, é o direito a propriedade sobre os

⁵ Neste caso Didi refere-se a uma menina.

bens da família. Pelo poder patriarcal o único a ter esse direito é o pai.” À mãe cabe admirar sua filha e a avó a acalentar a alegria do cachorro. Esta simples ilustração deixa clara a distribuição dos sujeitos na sociedade, carregada de representação e de significados, estabelecendo os lugares sociais do feminino e do masculino na sociedade.

Na figura 4 temos a imagem da empregada da família Zazá, ela não era apenas a empregada, mas era parte da família, pois em cada acontecimento ela estava presente da família, como demonstram outras ilustrações. Em todos os volumes da coleção didática Zazá aparece sorridente e satisfeita em realizar seus afazeres domésticos, como as atividades de cozinhar, passar, estender a roupa tornavam-se prazeroso sem se descuidar da sua imagem como mulher, e mostrar alegria em cada tarefa doméstica realizada como podemos ver nas imagens.



Figura 4: Zazá trabalhando.
 Fonte: LIMA, (1985, p.14, vol.2)

Zazá indiretamente era uma representante das mulheres que tinham duas jornadas de trabalho, uma fora de casa, e a outra dentro da casa, já que ela era casada e tinha filhos e tinha tarefas domésticas a realizar, deixando claro que “a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos é predominantemente feminina,” (Narvaz e Koller, 2006, p. 52) ⁶.

⁶ A jornada dupla de trabalho da Zazá é referenciada na obra ,quando a autora a apresenta com a empregada da família, quando termina sua jornada de trabalho ela retorna alegremente para cuidar da sua família, seu esposo seus quatro filhos.



Figura 5: Zazá.
Fonte: LIMA, (1985, p.64, vol.1)

Com tantas imagens delimitando o papel social da mulher podemos destacar a representação do papel da esposa, exemplificada na figura 7e o papel destinado a mulher na idade avançada, figura 6, trazendo uma impressão meio preconceituosa dos idosos, já que representa uma avó fazendo tricô ao lado de seu marido lendo jornal, vestidos elegantemente em uma praça.

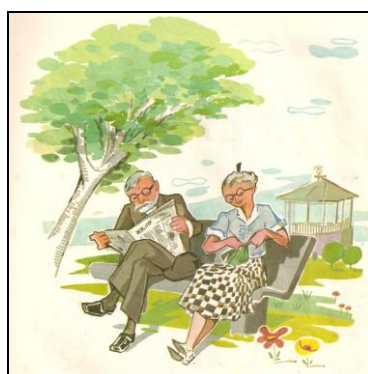


Figura 6: O vovô e a vovó.
Fonte: LIMA, (1982, p.9, 1º livro)



Figura 7: O papai e a mamãe.
Fonte: LIMA, (1982, p.11, 1º livro).

As representações de mãe, avó estão presentes nestas imagens, bem como evidenciando o papel da mulher no casamento, já que a mulher deveria ir e servir a seu marido, como destaca Narvaz e Koller, (2006, p. 52), “se o papel prescrito aos homens na família patriarcal burguesa relaciona-se ao sustento econômico, o papel prescrito às mulheres é o de que sejam cuidadoras do marido, do lar e dos filhos.” Novamente confirmando que o papel restrito a mulher é do lar, e companheira.

Outra referência sobre a mulher aparece na ilustração do texto “Da trombeta aos nossos dias”, que trata sobre o avanço dos meios de comunicação. Os tempos mudaram, mas na imagem a representação da mulher não mudou, ela continua ainda no âmbito doméstico, realizando suas tarefas, mas ela não descuida da sua aparência, nem deixa de lado a sua alegria feminina ao falar com o próximo neste caso o carteiro.

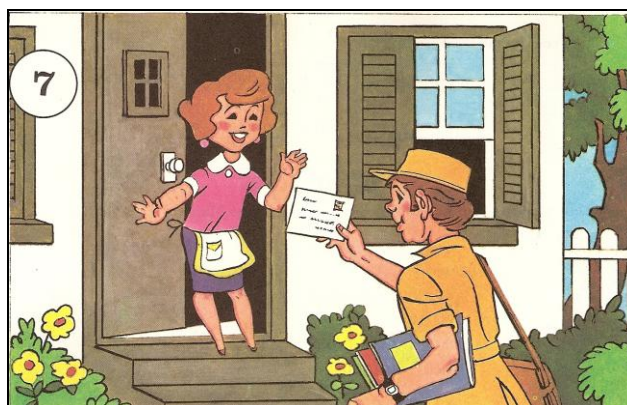


Figura 8: Atendendo a porta.

Fonte: LIMA, (1985, p.38, vol.3)

No texto “Os retirantes”, a imagem é a representação de um homem caminhando à frente com um machado e uma enxada em seu ombro, atrás uma mulher carregando uma trouxa, segurando a mão de seu filho, ambos os personagens estão descalços, com aparência sofrida, no texto relata que a família está fugindo da seca do Nordeste. Contudo podemos perceber que mesmo em condições sofridas, em outra classe social, o patriarcado não ficou fora, ora o homem era provedor do sustento da sua família, mas com a seca ele não poderia prover o mantimento a família, por isso ele caminha à frente, pois ele é o homem, o pai de família, o mantenedor e logo atrás a mulher que segura à mão de seu filho, seu papel o de mãe, mesmo que em condições adversas, a posição da mulher continua a mesma, mãe, dona de casa, esposa.

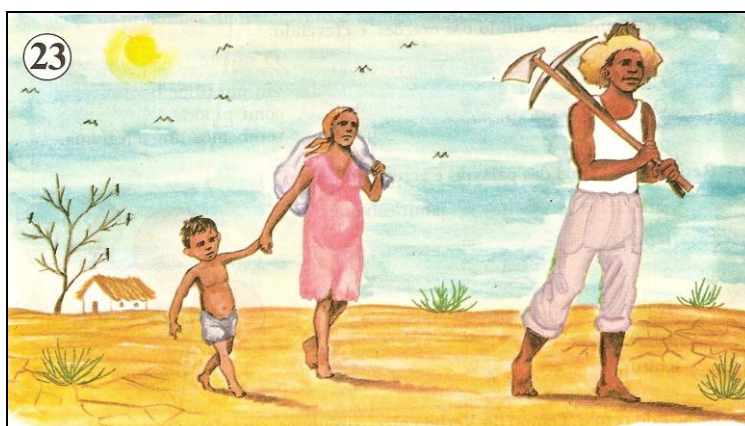


Figura 9: Os retirantes
 Fonte: LIMA, (1986, p.130, vol.4)

Através desta análise percebemos que a representação da mulher que predomina em toda a obra *Caminho Suave*, é de uma mulher que ao mesmo tempo faz seus afazeres do lar, cuida da sua aparência, ou seja, uma mulher que independente da sua atividade preserva a sua feição, pois nunca se sabia quem poderia chegar a sua casa, bem como o que para muitas pessoas desta época era o ideal de família, ou seja, todos os integrantes da família reunidos em uma só casa felizes. Todavia percebemos contrastes nestas ilustrações, pois algumas não remetem a ideia de felicidade, mas de consternação e até preconceito.⁷

Considerações finais

Neste artigo buscamos analisar as representações do feminino presentes nas imagens das cartilhas *Caminho Suave - Primeiro Livro de Leitura, Alfabetização pela Imagem, Caminho Suave - Comunicação e Expressão da 2ª série a 4ª série* da educadora Branca Alves de Lima nas edições da década de 1980.

Entendemos que os materiais didáticos são repletos de representações, tanto da autora, do ilustrador, como da época em que está inserido, são representações que refletem o lugar político e social, onde foi produzido, mesmo sendo uma reedição a cartilha *Caminho Suave*, é uma realidade que ainda persistia ou persiste, em certa medida, até hoje no espaço da sociabilidade da mulher. Por isso a importância da sua análise. O autoritarismo e a pressão

⁷ Como pesquisadores percebemos que tais ilustrações carregam consigo atos de preconceito, tanto como gordo ou magro, quanto a ilusão da felicidade total no ambiente familiar.

política dos militares, com o uso de suas ideologias para o enaltecimento do mesmo, tão criticado no início da década de 1980, se veem presentes no livro didático.

Na análise, a representação social de mulher que prevalece é de mulher mãe, empregada doméstica, estas ilustradas felizes ao desempenharem seus afazeres diários. No entanto, através de nossa leitura percebemos alguns contrassensos, tanto nas ilustrações, como no texto, pois são imagens que ao mesmo tempo em que prevalece o cômico ou desalentador, por exemplo, nos volumes três e quatro da coleção, algumas ilustrações remetem a algum tipo de preconceito, com relação à criança obesa, ou alta, ou a ideia que todas as pessoas nordestinas são iguais às retratadas na ilustração que aparecem na cartilha.

Podemos considerar que vários elementos presentes no cotidiano, como os papéis domésticos da mulher, se perpetuam via representações estabelecidas na educação escolar. Ao invés de romper com os papéis tradicionalmente destinados às mulheres, a coleção didática trata de confirmar tais papéis, representando a mulher, ou mesmo as meninas ainda crianças como pertencentes ao universo do privado, cozinha, maternidade, limpeza, cuidados do outro (marido, filhos, avós).

Por fim, outro elemento a destacar é a ilustração da família de Fábio, Didi e o Bebê, eles são representados todos reunidos e felizes por estarem juntos, ou seja, o ideal de família patriarcal. Todavia, será que estas ilustrações são representações somente da autora, do ilustrador ou essas imagens refletem o que a sociedade esperava da família? Podemos afirmar que a representação de família inserida no livro era o que a sociedade brasileira acreditava, uma vez que se não concordassem cartilha não faria tanto sucesso como fez durante tanto tempo.

Outro ponto relevante neste trabalho é a discussão da Teoria das Representações Sociais, já que entendemos que através desta Teoria podemos compreender a representação do espaço social da mulher expressas no material didático analisado. Nosso objetivo ao analisar a representação social de mulher presentes nesta coleção didática é de compreender como a mulher e o espaço social eram pensados e representados neste período. Ou seja, um reflexo do que a sociedade pensava do espaço da mulher a ela destinada.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Neuma. Perspectiva feminista e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: AGUIAR, Neuma (Org). *Gênero e Ciências Humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.p. 161- 191.

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, nº. 117, novembro/2002. p. 127-147.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70[197].

CAMPOS, Valéria Maria Queiroz Camargo de. *A construção da noção de cidadania em livros didáticos de história de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental I*. 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, UNICAMP, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir (Orgs). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papyrus, 2000. p. 9-10.

FERREIRA, Angela Ribeiro. *Representações Sociais e Ensino de História*. 2005, 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

GILLY, Michael. As representações sociais no campo educativo. *Educar*, nº19. Curitiba, 2002.p. 231-252.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave. Alfabetização pela imagem*. 21ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1958.

_____. *Manual do Professor, para o 1º livro Caminho Suave*. Caminho Suave Limitada. São Paulo, 1982.

_____. *Caminho Suave: alfabetização pela imagem*. 80ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1979.

_____. *Caminho Suave: 1º Livro de Leitura*. 21ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1982.

_____. *Caminho Suave. Alfabetização pela imagem*. (renovada e ampliada). 93ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1985.

_____. *Caminho Suave: Comunicação e Expressão: 2º série, 1º grau*. 16ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1985.

_____. *Caminho Suave. Comunicação e Expressão: 3º série, 1º grau*. 16ª ed. São Paulo: Caminho Suave, 1985.

_____. *Caminho Suave. Comunicação e Expressão: 4º série, 1º grau.* 4ªed. São Paulo: Caminho Suave, 1986.

MATOS, Izilda S de. *Por uma História da Mulher.* Coleção Essência. Bauru, SP: EDUSC, 2000.p. 6-231.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os Sentidos da Alfabetização: São Paulo 1876-1994.* São Paulo: UNESP/CONPED,2000,p.206-212.

MOSCOVISI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise.* Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.p. 29-109.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In FREITAS, Marcos Cezar (org). *Historiografia brasileira em perspectivas.* São Paulo: Contexto, 2005.p. 271-296.

NARVAZ, Martha Giudice & KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição Normativa à subversão criativa. *Revista Psicologia & Sociedade;* 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

SÁ, Celso Pereira. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.* São Paulo: Brasiliense, 1995.p. 19-45.

ROSSETI, Fernando. Autora de Caminho Suave pesquisou palavras. Pioneira associou letras a imagens. *Jornal Folha de São Paulo, Cotidiano,* São Paulo. 25 nov. 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff251138.htm>>. Acesso em 02 dez. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise Histórica. *Educação e Realidade,* v 1, nº1. Porto Alegre. 1995.p.71-97.

SOIHET, Rachel. Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SAMARA, Eni Mesquita. et.al. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea.* Editora Edusc. São Paulo, 1997.p. 71-97.

_____. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 19-45.

Recebido em 13/12/2013/
Aprovado em 04/05/2013.